

OS IMAGINÁRIOS E OS TRAJETOS FORMATIVOS DE PROFESSORES INICIANTE DE MATEMÁTICA

LUCIANA MARTINS TEIXEIRA LINDNER¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²;

¹Universidade Federal de Pelotas– lucianateixeira1968@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa de doutorado, em fase final, e situa-se no âmbito dos estudos sobre o Imaginário (DURAND, 2012) e dos estudos sobre experiências autoformadoras (JOSSO, 2002, 2009) e DELORY-MOMBERGER (2008), constituindo reflexões em torno do desvelamento de elementos simbólicos dos trajetos formativos no início da docência de professores de matemática.

A pesquisa tem como objetivo geral investigar os elementos simbólicos que constituem o imaginário sobre a docência presente no professor iniciante, formado em matemática pela UNIPAMPA, entre 2010 a 2014, a partir do seu ingresso na profissão. Do objetivo geral emergiram os seguintes objetivos específicos: capturar as imagens singulares sobre docência, sendo o fio condutor do processo de como se constitui o imaginário destes professores; desvelar os elementos simbólicos que constituem o imaginário destes professores os quais são capazes de diferenciá-los em sua singularidade imaginal e identificar o imaginário coletivo (DURAND, 2012) dos professores iniciantes por meio do singular (JOSSO, 2002). Vale ressaltar que a pesquisa encontra-se em sua fase final de análise e a etapa empírica já foi realizada.

No momento, estou trabalhando na análise dos dados a partir da seguinte questão de pesquisa: Como os elementos simbólicos que emergem dos professores iniciantes de matemática constituem um imaginário (DURAND, 2012) a partir do início desses professores na docência?

É importante mencionar que segundo Durand (2012) o imaginário encontra-se essencialmente como o primeiro substrato da vida mental, enraizado em um sujeito complexo não redutível a suas percepções. O imaginário desenvolve-se em torno de imagens dentro de uma lógica, de uma estruturação, sofrendo as influências e intimações do meio em que está inserido, sendo o imaginário, portanto, um mundo de representações.

Assim, o imaginário epifaniza-se como marca na existencialidade singular/plural do sujeito (JOSSO, 2009). A existencialidade é assim aproximada na sua singularidade dentro de uma humanidade partilhada. Isto significa dizer que toda a singularidade está inscrita na representação que cada um faz da sua existência.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi balizado pelo estudo e apropriação conceitual das teorias, já mencionadas, os quais geraram a metodologia conexa. Os sujeitos são quatro professores formados no curso de matemática da UNIPAMPA campus Bagé entre os anos de 2010 e 2014 que estavam atuando na docência, no momento em que o convite para participar da pesquisa foi feito. Este convite foi via email à todos os formados neste período. No que se refere à metodologia, busquei

integrar e fazer funcionar as ferramentas e as práticas que intermediam as interações com os participantes da pesquisa, visto que a produção dos dados aconteceu por meio de diferentes narrativas delineadas pelo seminário de investigação-formação (Josso, 2002). Esta autora enfatiza que o desafio de toda a reflexão metodológica que se diz autoformadora é justamente sua coerência com a prática.

É a partir desta percepção que a metodologia desta investigação foi pensada. A dimensão reflexiva exige, uma narrativa capaz de colocar em evidência, tanto no plano exterior como no interior, os aspectos formadores das experiências e os fios condutores da sua dinâmica. As diferentes modalidades de narrativas escolhidas e a compreensão das interações e transações que as caracterizam é que dá a adequação entre fundo e forma. Trazendo à tona nesta investigação o trajeto formativo interpretado, narrado e biografado pelo próprio participante da pesquisa.

A investigação fez uso de instrumentais como a 1) entrevista narrativa sobre a experiência de formação; 2) edição de vídeos auto(bio)scopia; 3) encontro coletivo para socialização do vídeo e 4) narrativa escrita. O procedimento metodológico foi realizado com a produção dos dados emergindo destas quatro vertentes perpassando do individual ao coletivo. Começando pela narrativa individual oral dos atores envolvidos, em consonância com um momento coletivo do grupo, no qual foram problematizadas reflexões sobre o vídeo editado por cada um, e, ainda, a produção de uma narrativa escrita sobre seu trajeto formativo.

Passo 1: Conta de uma entrevista narrativa oral e individual sobre seu trajeto formativo, tendo como mote a passagem da formação inicial na graduação ao começo do exercício da docência. A narrativa é contada pela reconstituição do que os participantes pensam serem experiências significativas para explicar e compreender como eles se tornaram docentes. O participante é convidado por meio de uma provocação norteadora a contar uma história que ele pretende ou pensa ser a “verdade” a propósito de si quanto ao seu trajeto formativo;

Passo 2: Edição individual do vídeo da entrevista, elencando as cenas da sua narrativa que mais o identificaram como docente, exercitando a técnica da autoscopia numa abordagem com cunho (auto)biográfico que denominei auto(bio)scopia. Esta abordagem busca na metareflexão um retorno sobre a narrativa, o olhar para si mesmo no vídeo e o possível vislumbre dos fios condutores de sua dinâmica de vida. Como uma leitura hermenêutica que visa pinçar as linhas de força e os pontos de insistência segundo os quais a narrativa configura o vivido em seu trajeto formativo. Essa compreensão hermenêutica não é dada, ela demanda uma distância crítica e uma capacidade de “leitura” que o narrador, preso em sua fala não dispõe espontaneamente. “É esse espaço de objetivação crítica e de compreensão que o procedimento de formação dá acesso e que o grupo de formação realiza coletivamente” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.98).

Passo 3: Encontro coletivo para socializar o vídeo editado, assistir e buscar as imagens pregnantes nas cenas videoscopadas. Este foi o momento em que foi propiciada a produção de sentido para a escolha das cenas editadas, bem como puderam trazer outros elementos. É o momento de confrontação da subjetividade do que editou o vídeo, confrontado com a subjetividade dos que assistiram ao vídeo, no caso todos os participantes da pesquisa e a pesquisadora, no trabalho de análise compreensiva da fenomenologia da narrativa do vídeo editado .

Passo 4: Narrativa por meio da escrita sobre como foi a entrada na docência após a formação inicial, tendo em vista a construção e a compreensão da

narrativa associadas ao percurso de formação. Através da escrita, (JOSSO, 2002) o autor recria para si próprio uma memória sobre seu trajeto formativo, mune-se de uma referência de observação da sua evolução, de seus interesses sobre o conhecimento e de um suporte para a possibilidade de uma tomada de consciência da evolução de sua forma de nomear seu trajeto formativo. Enquanto a entrevista narrativa (auto)biográfica encontra com mais facilidade as palavras a se contar, a passagem ao escrito possibilitou, enquanto processo solitário, reintroduzir a opacidade no pensar do seu trajeto formativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise deste projeto amparada na perspectiva Durandiana sobre uma hermenêutica¹ amplificadora que valoriza um tipo de representação que escapa ao imediatismo e à transparência, exigindo um envolvimento integral do sujeito na exploração. A interpretação se apresenta como uma apropriação pessoal, em termos de experiência própria, do conteúdo latente das imagens. Deste modo, o empírico se constitui efetivamente em uma matriz de compreensão que permite capturar a imagem sobre docência contida no imaginário destes professores iniciantes.

Para tal empreendimento me amparei em uma metodologia do tipo mitológica, a mitocrítica (DURAND, 1982, p.66) que visa “tentar pôr a descoberto por trás do texto, um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora”.

Ao longo do trabalho do tipo mitocrítico, que foi a busca dos fragmentos míticos, identifiquei núcleos simbólicos relacionados as imagens fundantes do modo de ser professor nesse início de docência. Segundo Durand(2012) estes núcleos são constelados por elementos arquetípicos presentes insistentemente nas narrativas e, portanto, constituem os símbolos. Estes símbolos escapam da decifração imediata, do conhecimento direto e da visão linear.

Existe uma força convergente que vem materializada nas narrativas destes professores, sendo um dos símbolos que gravitam fortemente a árvore, o centro, a morada, o espelho, a pedra viva, o oráculo, o rito iniciático remetem a sentidos e manifestações arcaicas e ao mesmo tempo temporais. Por exemplo, estas produções “visuais”, constituem-se em elementos simbólicos desencadeadores do imaginário deste grupo.

4. CONCLUSÕES

Um aspecto que vale evidenciar é a técnica da auto(bio)scopia que foi utilizada como uma das formas dos sujeitos narrarem-se. Foi com o intuito de reconhecimento do próprio corpo como condição e também de reflexão sobre seu trajeto formativo. A narrativa de cada professor que participou da pesquisa, a sua expressão facial, a entonação de sua voz falando de si, de seu início na docência, mas também o porquê da escolha das cenas para compor o seu vídeo. Neste sentido foi proporcionado a este professor reconhecer-se no encontro do seu ofício.

Uma experiência formadora que ganha lugar na continuidade do questionamento sobre os sujeitos e de suas relações com o meio. Reforço que

¹ Pensando no paradigma hermesiano estruturado sob a noção de similitude na relação entre os homens, os seres e o cosmos: o microcosmo é assim compreendido como uma expressão do macrocosmo, dessa forma, o macrocosmo responde as indagações do homem desde que ele saiba ler seus sinais (DURAND, 2008).

este procedimento é inédito, uma vez que parte da autoscopia e inspira-se no Seminário de Pesquisa-Formação de Josso (2002) e no Ateliê Biográfico de Delory-Momberger (2008).

O movimento investigativo esteve orientado para identificar a partir dos elementos simbólicos a constituição do imaginário no início da docência de professores de matemática, trabalho apresentado como um exercício intenso nas diversas narrativas.

Logo a problematização decorrente da busca dos traços míticos, esteve direcionada para as relações entre a palavra escrita, a palavra dada em floração e a palavra editada em vídeo (autobiocopia). Durante o processo de pesquisa tive como hipótese o início da docência de professores de matemática constitui um imaginário, de onde emergem elementos simbólicos propulsores para a entrada na docência. No decorrer deste tempo dedicado a este estudo pude perceber que estas imagens estão entrelaçadas a uma rede de sentidos e símbolos atemporais, pois estão ancorados em um trajeto arquetípico.

Como um caminhar processual, o modo como cada um constitui o imaginário. Se considerarmos o trajeto antropológico (DURAND, 2012), o imaginário é criado na troca que fazemos com o meio. No caso do início da docência, um imaginário passa a se constituir, a partir dessa troca com um novo meio, ainda que o contexto seja sempre o mesmo, o início da docência, acontece sempre uma mutação.

Neste momento de análise, que ainda não está finalizada, vem sendo construída a tese final desta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia**. Trad. Hélder Godinho e Vítor Jabouille. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. **Ciência do Homem e Tradição: o novo espírito antropológico**. São Paulo: TRIOM, 2008.

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H. (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p.71-93.

JOSSO, Mari-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: uma perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, Lucia Maria Vaz (org.). **Essas coisas do imaginário**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009. p.118-147.